

JESUS CRISTO NA *MEMÓRIA* DE JEAN MESLIER

Paulo Jonas de Lima Piva¹

UFABC

Resumo

Este artigo destaca de maneira exegética, analítica e reflexiva, o ousado diagnóstico e a contundente crítica de Jean Meslier (1664-1729), nos seus manuscritos intitulados *Memória dos pensamentos e sentimentos de Jean Meslier*, compostos durante as duas primeiras décadas do século XVIII, à pessoa de Jesus Cristo e à doutrina da sua religião.

Palavras-chave

Cristo; Fanatismo; Meslier; Razão; Religião

Abstract

This article highlights in an exegetical, analytical, and reflective manner the bold diagnosis and the forceful criticism of Jean Meslier (1664-1729), in his manuscripts entitled *Memoir of the thoughts and feelings of Jean Meslier*, composed during the first two decades of the 18th century, to the person of Jesus Christ and the doctrine of his religion.

Keywords

Christ; Fanaticism; Meslier; Reason; Religion

¹ Paulo Jonas de Lima Piva é doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), professor da Universidade Federal do ABC (UFABC), coordenador do Grupo de estudos sobre o ateísmo da UFABC/CNPq e autor do livro *Ateísmo e revolta: os manuscritos do padre Jean Meslier* (Alameda Editorial, 2006).

I. *Ad hominem*

Foi numa França despoticamente católica e de implacável absolutismo monárquico, da passagem do século XVII para o século XVIII, bem longe das vanguardas intelectuais da Paris de então, isolado em meio à ignorância, às superstições, aos abusos e sofrimentos da vida camponesa feudal, que Jean Meslier (1664-1729) desenvolveu o seu pensamento ontológico, cosmológico, epistemológico, moral e político. Inevitavelmente, a religião cristã e o próprio Jesus Cristo acabaram sendo objetos centrais dessa sua reflexão de cura de aldeia e da sua explicação materialista, ateuísta, empirista, hedonista, igualitária, antiautoritária e até antiespecista da realidade. E qual foi a compreensão, a análise e o julgamento desse padre pensante e indignado do baixo clero da França pré-iluminista, na sua principal obra, a *Memória dos pensamentos e dos sentimentos de Jean Meslier*, redigida no mais absoluto segredo, durante as décadas de dez e de vinte do século XVIII, e publicada só após muitos anos da sua morte?

A resposta mais inequívoca e contundente a essa pergunta encontramos na “Quinta prova”, a quinta parte temática da sua volumosa *Memória*. Nela, como parte do seu intuito de desmitificar e esclarecer a natureza da religião e, em particular, a natureza da religião cristã, Meslier compara a religião cristã com as religiões pagãs, mostrando que todas elas seriam iguais em essência, concluindo, porém, que o cristianismo em especial seria tão absurdo, tão falso e até mais ridículo do que as religiões do paganismo, sobretudo por atribuir divindade a uma figura como Jesus Cristo. Enquanto gregos e romanos, por exemplo, atribuíram divindade em suas imaginações e crenças a homens cheios de virtudes, a personalidades de sabedoria, respeito, talentos e poder, enfim, a seres humanos admiráveis por suas ações, portanto, moralmente superiores, os cristãos – ou “deicristólicas”, isto é, no neologismo e jargão pejorativo de Meslier, aqueles que creem na divindade de Cristo (Meslier, 1972, p. 531) – teriam feito o contrário ao divinizarem Cristo. E Meslier afirma isso com uma franqueza e lucidez impressionantes:

Mas, nossos deicristícolos, a quem eles atribuem a divindade? A um homem de nada, que não tinha nem talento, nem espírito, nem ciência, nem sagacidade, e que fora inteiramente desprezado no mundo; a quem eles a atribuem? Eu o direi? Sim, eu o direi: eles a atribuem a um louco, a um insensato, a um miserável fanático e a um infeliz patife; sim, meus caros amigos, é a um tal personagem que vossos padres, e vossos doutores e pregadores atribuem a divindade, é a um tal personagem que eles vos fazem adorar como vosso amável e divino Salvador, ele que não pôde salvar a si mesmo do suplício vergonhoso da cruz ao qual foi condenado, e onde ele miseravelmente terminou os seus dias. Pois esse Jesus Cristo, que eles vos fazem adorar como um Deus feito homem para vos salvar e para vos redimir, como eles dizem, não era, segundo o próprio retrato que fazem dele seus evangelistas e seus discípulos, senão um homem vil, um miserável fanático e um infeliz patife que foi pregado e pendurado na cruz, e que se poderia, por esse motivo, dizer que ele foi amaldiçoado por Deus e pelos homens, segundo o que está escrito nos seus próprios livros santos, onde é dito que o amaldiçoado de Deus é aquele que é pendurado na cruz, *maledictus a Deo est qui pendet in ligno* (Deuteronômio 21: 23) (Meslier, 1970, p. 391)

Um indivíduo sem nenhuma qualidade cognitiva, cultural e moral; um fanático religioso ególatra e megalomaníaco, sem a mínima consciência de si e da realidade; nem sábio, nem filósofo, sequer um homem de bom senso; um pobre diabo oriundo da ralé do mundo antigo e cuja loucura foi ridicularizada e humilhada pelo seu tempo, mas que, mesmo assim, conseguiu seduzir grande parte da humanidade ao longo dos séculos com as suas promessas e fazer da sua religião uma das mais bem-sucedidas da história da religiões: eis, em suma, a pessoa de Jesus Cristo na avaliação de Meslier com base em tudo o que este leu e pensou a respeito desse pretensso messias e deus feito homem.

Ora, sendo assim, que tipo de doutrina poderíamos esperar de uma “seita” — termo este que encontramos diversas vezes na *Memória* para definir a doutrina de Cristo — liderada por alguém tão desqualificado,

alucinado e lamentável como Cristo no diagnóstico de Meslier? Que ideias no meio desse fanatismo todo poderiam ser aproveitadas do ponto de vista da razão, do senso de realidade e da consciência dos fatos? No caso de Cristo, como separar a sua obsessão megalomaniaca de suas explicações da realidade e de suas pregações sobre como proceder na vida? Enfim, como tratar da figura de Cristo e do conteúdo de suas falas senão pela argumentação *ad hominem*, como faz Meslier? E por que seria de outra forma, já que, para Meslier, Cristo não fora um sábio, tampouco um Platão, um Montaigne ou Malebranche, sequer um homem de bom senso, e sim o seu oposto, um homem de fé, além de uma pessoa de muita extravagância e loucura? E sendo Cristo não um indivíduo de argumentos e de lucidez, e sim de ilusão, erro e impostura na sua falta de evidências sobre o que asseverava, de que outro modo ele deveria ser analisado – ele que se apresentava como a encarnação da própria verdade, portanto, como um oráculo, sempre apelando para a fé das pessoas e não para o seu bom senso – senão pelo modo *ad hominem*?

II. A Memória

A *Memória* de Jean Meslier é composta de um “Prefácio”, estruturado em três pequenas seções, oito longas e prolixas partes, que o autor chama de “Provas”, uma extensa conclusão, além de um breve adendo com uma previsão do próprio Meslier sobre a recepção negativa que ele acreditava que a sua obra teria pela posteridade. Importante dizer que Meslier nos deixou também, e em forma de manuscrito, duas cartas, as *Cartas aos curas da vizinhança*, e anotações de leitura nas margens dos seu livros, da sua pequena biblioteca, as quais foram organizadas e publicadas com o título *Anti-Fénelon*, ou *Notas contra Fénelon*, todos textos produzidos no mesmo período da sua obra mais densa e completa, a sua *Memória*, recordando, as décadas de dez e de vinte do século XVIII.¹

¹ Em *Ateísmo e revolta: os manuscritos do padre Jean Meslier*, de 2006, originalmente uma tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo em 2004, explorei e analisei em detalhes toda a obra de Jean Meslier.

O ponto de partida da *Memória* é a tese de que todas as religiões, inclusive a religião cristã, não passariam de “erros”, “ilusões” e “imposturas”, ou seja, de que as religiões seriam todas falsas e vãs (Meslier, 1970, p. 39). Tal tese é explicitada logo no seu “Prefácio” e conduzirá todo o raciocínio da obra.

Na “Primeira prova” da *Memória*, além da falsidade, Meslier acrescenta à natureza da religião o fato de todas elas serem “invenções humanas”, criações da imaginação dos homens, motivadas sobretudo por razões de dominação, mais precisamente, por razões políticas (Meslier, 1970, p. 43).

Na “Segunda prova”, Meslier trata do fundamento da religião, constata o princípio e a causa que fariam dela uma ilusão, uma impostura, um erro, uma falsidade. E que fundamento distorcivo da realidade, que princípio de engano, que causa de ilusão, seriam esses? Resposta resoluta de Meslier: a *fé*.

E como Meslier entende a *fé*? Ele a define essencialmente como uma “crença cega” (Meslier, 1970, p. 79), ou seja, como uma crença não baseada em evidências, que desconsidera a razão, ignora a lógica, a experiência e os fatos. Por isso seria a fonte de todos os erros, ilusões, presunções e equívocos catastróficos das religiões. Meslier constata que a *fé*, por exemplo, está na base da pretensa veracidade dos milagres e do pretenso caráter divino dos textos religiosos, em especial dos Evangelhos, uma base equivocada portanto, comprometedor assim da veracidade de qualquer coisa nela fundamentada (Meslier, 1970, p. 93). Do mesmo modo, segundo Meslier, é a *fé* que proporciona credibilidade aos pretensos profetas e milagreiros, sedutores contra os quais o próprio Cristo alertava seus fiéis, justamente Cristo, enfatiza Meslier, que também foi um sedutor e um falso profeta e milagreiro (Meslier, 1970, p. 105). Aliás, “falso profeta” e “falso fazedor de milagres” seriam dois pleonasmos para Meslier, já que não existiriam profetas nem milagreiros verdadeiros, independentemente destes serem loucos sinceros ou patifes dissimulados.

Na “terceira prova” da *Memória* o assunto principal é a falsidade e a vanidade – e “vanidade”, no vocabulário de Meslier, sempre aparece no sentido de algo vazio, sem substância ou fundamento, como o contrário da

realidade – das ditas revelações e pretensas visões divinas por parte dos fanáticos religiosos, e as consequências desastrosas para a humanidade dessas crenças baseadas na fé, que, para Meslier, é um critério de total negação do bom senso e do funcionamento da experiência, como já dissemos (Meslier, 1970, p. 201).

Na “Quarta prova”, Meslier trata mais detidamente das profecias, outra aberração e embuste das religiões, argumentando no sentido de mostrar a falsidade e a vanidade de todas elas, tanto as do Antigo quanto as do Novo Testamento (Meslier, 1970, p. 243/281/330).

É na “Quinta prova” da *Memória* que encontramos a parte que mais nos interessa. Nela, o personagem Cristo, suas ideias, suas crenças acerca de si mesmo e seus pretensos feitos, ganham foco. O propósito dessa quinta parte, aliás, será demonstrar a vanidade e a falsidade da religião cristã inferidas dos “erros” da doutrina de Cristo, mais precisamente, dos seus dogmas de fé e da sua pregação moral (Meslier, 1970, p. 375). No entender de Meslier, esses erros seriam cinco.

III. Os erros metafísicos de Cristo

O primeiro erro da doutrina de Cristo destacado por Meslier nessa “Quinta prova” seria a crença na trindade do deus cristão. Sem nenhuma evidência objetiva da sua veracidade e contrariando um dos princípios mais básicos da lógica, o de que um coisa não pode ser uma e três ao mesmo tempo, a crença na trindade sustenta que o deus cristão, que seria único e absoluto, também seria ao mesmo tempo três pessoas numa só, isto é, seria deus e ao mesmo tempo pai, filho e espírito santo, não importa o que esse dogma obscuro e desnecessário, esse aparente politeísmo, signifique exatamente (Meslier, 1970, p. 376).

O segundo erro da doutrina de Cristo conforme a “Quinta prova” seria a fantasiosa crença de que Cristo seria a encarnação de uma divindade na forma de homem. Lembrando, para Meslier, isso seria impossível, dado o fato de Cristo ter sido um ser humano vil e desprezível em todos os sentidos, logo, destituído de qualquer elemento grandioso e

venerável que se espera de uma divindade (Meslier, 1970, p. 388). Meslier ressalta na “Quinta prova” que Cristo nasceu num estábulo, no meio de quadrúpedes e suas fezes, numa família pobre, de pai carpinteiro, e que durante toda a sua vida ele foi desrespeitado, zombado, perseguido e açoitado, até acabar morto miseravelmente, pendurado numa cruz, com uma coroa de espinhos para ridicularizar sua crença de que ele era o rei dos judeus. Todos esses detalhes biográficos, no julgamento de Meslier, seriam uma prova inegável do quanto Cristo foi humano, nada mais do que um ser humano, porém, um homem de nada, lamentável e infeliz.

É mais do que evidente que, além de não ser mais do que um homem, Cristo não passou, para Meslier, de um fanático religioso, de um visionário, de um louco, de um “patife”, e por três vias de raciocínio: 1) pelo julgamento que a época em que Cristo viveu fez dele; 2) pelo conteúdo dos seus próprios pensamentos e discursos; 3) pela maneira como Cristo se portava e agia por onde pregava (Meslier, 1970, p. 392). E aqui temos uma digressão no interior do segundo erro assinalado pela “Quinta prova”.

Começando pelo julgamento que o mundo no qual Cristo vivia fazia dele, Meslier usa os relatos dos próprios evangelistas para mostrar que Cristo não era uma pessoa benquista para a maioria dos seus contemporâneos, e que, em absoluto, ele era visto por estes como uma divindade em forma humana. Há passagens nos Evangelhos em que Cristo é expulso de cidades onde ia pregar e, na maioria delas, com muita hostilidade, como podemos ler, por exemplo, e a indicação é do próprio Meslier, em Lucas 4: 29. Segundo Meslier, com exceção dos seus fanáticos discípulos, ninguém acreditava no que Cristo pregava. Na verdade, Cristo irritava as pessoas com suas arengas extravagantes e messiânicas, por exemplo, com a sua obsessão em tentar convencer as pessoas, particularmente os judeus, de que todos deveriam comer a sua carne e beber o seu sangue para serem salvos do pecado e ganharem a vida eterna (Meslier, 1970, p. 393-394). Sua mania de se apresentar como divino e rei dos judeus levava uma parte dos seus contemporâneos à indignação e outra à gargalhada. Em suma, no entendimento de Meslier, Cristo era visto pela maioria dos seus contemporâneos como um louco e como um

fanático inconveniente, e em absoluto como uma divindade ou como um verdadeiro messias.

Francamente, como julgar um indivíduo que tinha como ocupação perambular por vilarejos e cidades anunciando para uma população sofrida que ele era a encarnação de um deus, que ele tinha o poder de conduzir para o paraíso todos aqueles sofrendores que nele tivessem fé, que ele era a verdade, o caminho e o pão da vida, que um dia ele morreria, ressuscitaria e voltaria do céu na companhia de anjos para instaurar em definitivo o seu reino na Terra, sem nunca ter dado uma única evidência ou prova concreta de todas essas afirmações e promessas? Que pessoa com o mínimo de sensatez, de juízo mental e de caráter afirmaria isso de si mesmo publicamente? Quem, a não ser um demente em surto, conclamaría as pessoas para abandonarem por amor a ele seus familiares e heranças e segui-lo? (Meslier, 1970, p. 395-396). Nesse caso, qual seria a avaliação mais razoável, ainda nos dias de hoje, senão considerar tal indivíduo um fanático religioso com algum distúrbio psiquiátrico ou de caráter?

Foi assim que Meslier pensou e, valendo-se dos relatos dos próprios evangelistas, ele concluiu que Cristo foi essencialmente um “arquifanático”, mais exatamente, um visionário ainda mais louco do que Dom Quixote de la Mancha, o personagem de Cervantes que combatia moinhos de vento crendo estar combatendo gigantes, o fanático mais famoso da história da literatura que Meslier conhecia (Meslier, 1970, p. 397).

Outro aspecto ressaltado por Meslier no seu esforço de racionalização, desmitificação e humanização de Cristo na “Quinta prova” da sua *Memória*, e que faria parte, no seu entender, do segundo erro da doutrina cristã — o de que Cristo seria uma divindade na sua essência —, é a maneira como o pretense messias se expressava. O tipo de retórica mais utilizada por Cristo para seduzir e arrebatar seus seguidores era a parábola. Contudo, as parábolas usadas por Cristo eram constituídas na sua maioria por alegorias obscuras, metáforas indecifráveis e frases ambíguas, e de acordo com Meslier, elas eram assim formuladas deliberadamente, para que ninguém pudesse entender o que ele realmente

queria dizer, e assim cativar pelo maravilhoso e pelo ininteligível o seu público de sofrendores e crédulos (Meslier, 1970, p. 403).

Ora, mas se Cristo tentava por meio de sua retórica engambelar as pessoas de forma consciente, como entende Meslier, o juízo *ad hominem* sobre o líder religioso muda de figura: nesse caso, Cristo não seria mais um visionário ensandecido que acreditava no próprio delírio e sim um charlatão, isto é, alguém no pleno domínio do seu juízo, que usava a sua razão para enganar terceiros. Em outras palavras, Cristo deixaria nesse sentido de ser uma questão de saúde mental para se tornar um problema moral e político. Em termos mais técnicos e atuais, Cristo deixaria de ser um caso psiquiátrico para ser um caso de caráter e de polícia.

Louco ou apenas - nos termos de Meslier – um “patife”? Meslier não é claro quanto a esse julgamento de Cristo, ao que parece, por não ter evidências suficientes para decidir se as extravagâncias de Cristo seriam produto da sua demência ou do seu caráter, ou simplesmente por não ver relevância nessa distinção. Meslier limita-se a sugerir que, independentemente da sua causa ser patológica ou moral, as falas de Cristo sobre si mesmo e sobre os seus poderes sempre foram falsas e ridículas.

Em suma, na “Quinta prova” da sua *Memória*, Meslier faz uma junção das passagens da vida de Cristo, narradas sobretudo pelos evangelistas – os quais ele considerava, além de pessoas absolutamente ignorantes e sem inteligência, “gente da escória do povo” (Meslier, 1970, p. 99) –, para mostrá-las como evidências e usá-las como argumentos bastante razoáveis no sentido de provar que o criador da “seita” cristã não passou de um fanático, de um louco, de um visionário, de um megalomaniaco, portanto, de um personagem sem nada de sobrenatural ou divino, de um ser humano sem nenhuma credibilidade aos olhos do bom senso e da realidade. Meslier recorre ainda às narrações de historiadores antigos, como as do romano Tácito, por exemplo, para destacar os desdobramentos das pregações de Cristo, em particular, a formação da religião cristã, a qual, segundo Meslier, desde os seus primórdios, já se manifestou como um “vil e desprezível fanatismo” (Meslier, 1970, p. 415).

Para não nos perdermos nessas digressões, retornemos agora aos cinco erros da doutrina cristã anunciados por Meslier no início da “Quinta prova”. Nessa linha de absurdos e de fanatismo da religião cristã, outro dos seus dogmas criticado ostensivamente por Meslier pela sua absoluta falta de evidência, de fundamento no real e pelo seu absurdo e ridículo, será a crença e o ritual da eucaristia, quando um pedaço de massa de farinha, a hóstia, transforma-se no corpo e no sangue de uma divindade após algumas palavras sem sentido e mágicas serem proferidas por um sacerdote. Este, a propósito, seria o terceiro erro do cristianismo na explicação de Meslier.

Além de fantasiosa, a eucaristia seria uma forma de idolatria, na prática, um culto a um deus de massa de farinha, portanto, uma idolatria, em sua essência, nada diferente das idolatrias dos pagãos por seus ídolos de pedra, bronze, ouro ou madeira. Assim sendo, as censuras dos cristãos às idolatrias dos pagãos de nada valeriam (Meslier, 1970, p. 420). A única diferença talvez estaria no ridículo, afinal, cultuar um pedaço de farinha seria, de fato, muito estranho, mais estranho do que um culto a um ídolo de bronze ou ouro, os quais, pelo menos, segundo Meslier, jamais seriam comidos por ratos nem expelidos pelo nosso intestino (Meslier, 1970, p. 424).

O quarto erro doutrinário da religião cristã, na avaliação de Meslier, ressaltado ainda no interior da “Quinta prova” da *Memória*, seria a crença no pecado original e na veracidade do mito de Adão e Eva (Meslier, 1970, p. 455). Eis outro dogma da religião cristã criticado por Meslier pelo seu caráter extremamente absurdo, inverossímil, além de pueril, ridículo e vexatório. “Ridículo”, aliás, na acepção mesma de provocar riso, é um termo muito utilizado por Meslier ao longo da sua argumentação na sua *Memória*, sobretudo ao aludir à fábula de Adão e Eva. Analisemos: um deus eterno, que nunca fora criado, cria o mundo em seis dias; na sequência, ele cria o ser humano, primeiramente o homem e depois a mulher; o homem é criado por esse deus a partir do barro, e a mulher, da costela desse homem criado do barro. Ora, francamente, como um adulto de mínimo bom senso poderia acreditar na veracidade dessa narração? Mas a fábula continua: esse casal vive então num paraíso, até o momento em que

contraria e melindra esse deus todo-poderoso; ferido em sua vaidade, esse deus, de maneira inadvertida, resolve se vingar, e o faz de uma maneira muito desproporcional, cruel e injusta. O motivo da vingança: o fato do casal ter mordido uma fruta oferecida por uma serpente falante, fruta esta proibida por esse deus melindroso e vingativo. Enfurecido, esse deus expulsa o casal do paraíso e condena ao sofrimento toda uma humanidade que ainda nem existia, logo, que não tinha nenhuma responsabilidade pela atitude do casal banido. Contudo, muito tempo depois, esse deus implacável, talvez arrependido da injustiça e do absurdo que cometeu, enviou ao mundo um messias, que seria ele próprio, só que na forma humana, para salvar com a sua própria morte uma humanidade condenada inocentemente e injustamente por um ato de terceiros. Apesar de absurdo, cruel, injusto, fantasioso e ridículo, estapafúrdio em todos os sentidos, mesmo pela interpretação “espiritual, alegórica e mística” do Antigo Testamento criticada por Meslier na “Quarta prova” (Meslier, 1970, p. 330), esse mito do pecado original, inacreditavelmente, ainda é levado a sério por bilhões de pessoas no mundo, e é um dos pilares do significado do cristianismo, pois sem a veracidade do pecado original não haveria a necessidade do surgimento de Cristo.

Por fim, o quinto erro doutrinário da religião cristã conforme Meslier na “Quinta prova” da sua *Memória*: a propagação da ridícula crença de que os homens, com seus “pecados”, seriam capazes de injuriar e ofender a um deus todo-poderoso, e da crença, não menos ridícula, que esse deus todo-poderoso ofendido se vingaria desses tais pecados infligindo a esses pecadores sofrimentos eternos (Meslier, 1970, p. 459). Trata-se, para Meslier, de mais uma fantasia, de outro dogma terrível da seita cristã, desprovido de evidência, fundamentação e correspondência na realidade, e que buscará mais uma vez na fé, que é para Meslier um princípio de erro e ilusão, uma sustentação vã.

IV. Os erros morais e políticos de Cristo

Uma vez expostos e analisados os cinco erros doutrinários da religião cristã, Meslier finaliza a “Quinta prova” da *Memória* com uma crítica de outro tipo ainda à religião cristã. Depois de refutar e de ridicularizar os princípios imaginários, os fundamentos fantasiosos e os dogmas da doutrina geral da religião cristã, de certo modo, da sua metafísica, Meslier volta-se agora para uma crítica aos preceitos da sua moral. Meslier chama a atenção para o que seriam, no seu entendimento, os “três principais erros da moral cristã” (Meslier, 1970, p. 498). Vamos a eles.

O primeiro erro de natureza moral da doutrina cristã seria a sua concepção de virtude, a qual enaltece o sofrimento, a pobreza e a renúncia de si mesmo, a ponto de exigir do indivíduo que ele se sacrifique pelo seu próximo e que ainda tenha de amar o seu inimigo (Meslier, 1970, p. 498). Para Meslier, trata-se de uma concepção de virtude totalmente contrária à razão e à natureza humana, uma vez que o racional e o natural seria uma concepção de virtude que enaltecesse a alegria, o prazer e as condições materiais mínimas para uma vida digna e de bem-estar.

Já o segundo erro dessa moral consistiria em considerar como vícios e condenar como crimes nossos desejos, sentimentos, pensamentos e ações derivados das necessidades do nosso corpo, ou seja, em censurar o que há de mais natural e vital no ser humano. Trata-se aqui, sobretudo, da questão dos afetos e da sexualidade. A moral sexual cristã, critica Meslier, é muito austera com as manifestações naturais do corpo, muito pudica, casta e repressora com os desejos e com as nossas necessidades de satisfação e prazer. Meslier, na verdade, é um hedonista, logo, essa sua crítica à moral cristã é feita pela perspectiva de alguém que vê no gozo calculado e moderado do prazer um caminho não só para uma boa vida, mas também para uma vida virtuosa, a qual, para um hedonista, confunde-se com uma vida feliz, e esta, por sua vez, significa uma vida em que os prazeres devem ser em maior quantidade e qualidade do que as dores (Meslier, 1970, p. 499). Nesse sentido, a moral cristã seria contrária à

razão e às inclinações básicas e vitais da natureza humana, portanto, uma moral falsa e errada, com efeitos nefastos para quem a pratica.

Por fim, o terceiro erro da moral cristã destacado na “Quinta prova” da *Memória*: pregar máximas contrárias à justiça e à equidade natural, máximas que, na prática, acabam favorecendo os maus e a opressão contra os fracos e os bons. Uma dessas máximas seria a de que deveríamos amar os nossos inimigos, por conseguinte, que deveríamos fazer o bem para quem nos faz mal; outra, a máxima de que não devemos resistir às maldades feitas contra nós, aceitando-as resignadamente; também a máxima de não querer se vingar quando agredido e injustiçado, inclusive, oferecer a outra face para que quem cometeu a injustiça contra nós possa repetir o feito (Meslier, 1970, p. 500).

Ora, temos aqui outra pregação contrária ao bom senso e à nossa natureza humana. O razoável seria, pondera Meslier, que o mal seja odiado, e não amado, e o natural, que preservemos a nossa dignidade, integridade e sobrevivência, agredindo, se necessário, quem as ameace. Isso expandido para o plano social significaria que os camponeses oprimidos, humilhados e submetidos à miséria pela nobreza e pelo clero na França de Meslier deveriam não apenas não se conformar com essa realidade, como, por amor à justiça, tentar transformá-la, sobretudo no sentido da promoção da igualdade, do bem-estar e da paz. Sendo mais preciso, essas máximas de sacrifício, resignação e conformismo, segundo o próprio Meslier, acabariam, em última instância, inviabilizando a formação do bom governo, isto é, do governo comprometido com a realização da justiça, da paz e do bem comum (Meslier, 1970, p. 509).

E chegamos finalmente à “Sexta prova” da *Memória*, o último momento da obra dedicado a Cristo e aos erros e absurdos da sua doutrina. Nas duas provas subsequentes, Cristo e os frutos do seu fanatismo dão lugar a uma reflexão mais abstrata, mais ontológica e cosmológica poderíamos dizer. Na “Sétima prova” temos a refutação de Meslier à existência dos deuses, ou seja, a exposição do seu ateísmo, e, na “Oitava prova”, o debate, com desfecho materialista, sobre a natureza da alma.

Na “Sexta prova” temos as opiniões de Meslier sobre os desdobramentos políticos práticos dos erros doutrinários de Cristo, em particular dos seus preceitos morais. Para Meslier, a falsidade e a vanidade da religião cristã foram usadas inescrupulosamente pelos poderosos no decorrer da história para legitimar dominações, hierarquias, privilégios, explorações e, sobretudo, tiranias. Isso significa que os dogmas, as ilusões e os embustes da religião cristã autorizaram e justificaram historicamente, por meio das suas manipulações, os abusos mais atrozes dos poderosos contra os desvalidos (Meslier, 1971, p. 15). Meslier destaca vários desses abusos, porém, separa-os em duas categorias: os abusos mais gerais, por assim dizer, e os abusos mais específicos. Os abusos mais gerais e principais seriam três.

Primeiro abuso geral: autorizar e legitimar a enorme desproporção das condições materiais entre os homens, ou seja, promover uma violenta desigualdade de riquezas e de poder nas sociedades, violando assim um princípio natural fundamental: a igualdade entre os homens. Para Meslier, os homens seriam iguais do ponto de vista da natureza no que concerne aos seus direitos mais fundamentais, como lemos claramente na seguinte passagem da “Sexta prova”:

Todos os homens são iguais por natureza, todos eles têm igualmente direito de viver e de andar sobre a terra, igualmente direito de nela gozar da sua liberdade natural e de ter parte dos bens da terra, nela trabalhando utilmente uns e outros para terem as coisas necessárias ou úteis para a vida (Meslier, 1971, p. 17)

Segundo abuso geral: a falsidade e a vanidade da religião cristã autorizaram e legitimaram a formação e consolidação de uma casta social privilegiada, e também absolutamente ociosa, inútil e parasitária. Esta classe seria o clero. “Vagabundos”, na definição de Meslier, padres, bispos, freiras, monges e papas existiriam apenas para enganar, manipular, roubar, pilhar e oprimir os mais pobres e ingênuos (Meslier, 1971, p. 29). Basta lembrar nesse sentido a frase atribuída a dois papas corruptos, Leão

X e Bonifácio VIII, citada por Meslier no “Prefácio” da *Memória*: “Ah! Estamos ricos por causa dessa fábula de Cristo!” (Meslier, 1970, p. 28).

Terceiro abuso geral: a falsidade e a vanidade da religião cristã, manipuladas por ambiciosos sem escrúpulos, forneceram justificativas para que a terra, que seria um bem coletivo por natureza, fosse explorada de maneira privada ao longo do tempo, causando assim o surgimento de muita injustiça e miséria (Meslier, 1971, p. 60).

Já entre os abusos específicos derivados da falsidade e da vanidade da religião cristã elencados por Meslier, vale a menção a um desses abusos em especial: nos termos de Meslier, o “abuso referente à indissolubilidade dos casamentos” (Meslier 1971, p. 71-73). E por que seria este um abuso?

Essencialmente porque esse tipo de casamento vincula os cônjuges a um compromisso de convivência até à morte de ambos, independentemente do que aconteça com os seus afetos durante o processo. Ocorre que os sentimentos dos cônjuges podem mudar ao longo do tempo, e o que era amor no início do compromisso pode se transformar em ódio, tornando a convivência do casal insuportável. Além dos próprios cônjuges, os seus filhos poderão ser as vítimas principais dessa convenção caso o casamento fracasse, uma vez que serão obrigados a viver num lar sem amor, respeito, nem paz. Meslier, portanto, ainda sob o Antigo Regime, mesmo que em segredo, já era favorável ao divórcio, e em nome da felicidade dos cônjuges e, sobretudo, do bem-estar das crianças.

Ora, depois desse inventário de absurdos, constrangimentos e maldades em torno da religião cristã, não haveria nada de aproveitável e edificante para Meslier nas megalomanias, nas peripécias e no fanatismo de Cristo?

V. Cristo comunista

Meslier não é só divergência, desqualificação e indignação quando analisa as falas e a prática de Jesus Cristo. Fanatismo, loucura e ridículos à parte, logo no “Prefácio” da *Memória* Meslier mostra ter afinidade ao menos com um aspecto central da moral cristã: com a compaixão pelo

sofrimento dos miseráveis e com os desdobramentos desse sentimento e valor. Refletindo sobre a sua própria conduta e sobre suas responsabilidades de cura do baixo clero num cotidiano de muita carência e opressão, Meslier conclui que ele sempre fora sensível aos sofrimentos dos seus paroquianos mais necessitados, e nesse sentido ele se aproxima moralmente do que propunha Cristo:

Eu teria certamente sempre muito mais prazer em dar do que em receber se eu tivesse tido os meios para seguir essa minha inclinação, e, dando, eu teria, com prazer, sempre mais consideração pelos pobres do que pelos ricos, conforme esta máxima do Cristo, que dizia (no relato de São Paulo, *Atos* 20: 35) que vale mais dar do que receber, *beatius est magis dare quam accipere*, como também segundo esta opinião do próprio Cristo, que recomendava àqueles que faziam festins, para convidar não os ricos, que têm a possibilidade de restituir na mesma moeda, mas os pobres, que não têm nenhuma condição de restituir nada (Lucas 14: 13) (Meslier, 1970, p. 29)

No capítulo 51 da “Sexta parte” da *Memória*, por exemplo, Meslier imagina uma convivência em que essa máxima de Cristo – o de que é melhor dar do que receber – não seria necessária: se todos os homens possuíssem e desfrutassem igualmente dos bens produzidos pela vida coletiva, certamente não haveria miseráveis e infelizes no mundo (Meslier, 1971, p. 74). Acontece que, para Meslier, a terra é de todos os seres humanos igualmente, e por meio da exploração comum dessa terra, pelo trabalho honesto de cada um, haveria abundância, saciedade e tranquilidade para todos. Teríamos assim, finalmente, uma “comunidade bem regrada” (Meslier, 1971, p. 75), pois, por um lado, garantiria a todos o suficiente para se alimentar, vestir, morar, aquecer-se e se realizar, e, por outro, como consequência, ninguém teria a necessidade de furtar, fraudar ou roubar para garantir a sua sobrevivência, tampouco motivos mesquinhos para disputas judiciais por bens, nem mesmo estímulos para

se ter inveja, já que todos seriam iguais na produção, posse e no gozo desses bens. E o exemplo concreto dado por Meslier dessa “comunidade bem regrada” é, curiosamente, a comunidade dos primeiros cristãos (Meslier, 1971, p. 86-87).

Explica Meslier que, para os primeiros cristãos, a vida em comum, mais precisamente em comunhão, era apresentada como a melhor forma de vida, no sentido de uma vida mais justa e mais feliz. Nessa comunhão, todos os homens se viam e se tratavam como irmãos e como iguais entre eles, tudo era entendido como comum e compartilhado, nada havia de particular. Como consequência, relata Meslier, não havia pobres nem ricos nas comunidades dos primeiros cristãos. Mais: os que tinham terras, casas e heranças eram obrigados a vendê-las para fazer parte dessa comunidade, e o dinheiro da venda desses bens particulares era distribuído entre os membros da comunidade conforme as suas necessidades. Resumindo, a organização da vida econômica e social dos primeiros cristãos, na interpretação de Meslier, foi *comunista*, organização esta aprovada e admirada pelo nosso autor como um caso concreto, portanto, exequível. Meslier lamentou inclusive que ela tenha se desfeito ao longo do tempo, sobrevivendo apenas como exceção em algumas ordens monásticas (Meslier, 1971, p. 89). Compaixão, igualdade e comunismo seriam portanto os pontos de convergência entre Meslier e Cristo.

VI. O Cristo de Meslier hoje

A premissa fundamental de Meslier explicitada logo no “Prefácio” da sua *Memória* é que “todas as religiões são apenas erros, ilusões e imposturas” (Meslier, 1970, p. 39). Tal premissa se aprimora na “Primeira prova”, onde lemos que todas as religiões seriam apenas “invenções humanas”, por isso seriam todas falsas e vãs. Por conseguinte, líderes religiosos como Numa, Zoroastro, Licurgo, Moisés, Maomé e Cristo não passariam de meros inventores de religiões e de sedutores bem-sucedidos, de certo modo, nessas suas invenções (Meslier, 1970, p. 43). Meslier refere-se a Cristo em particular como “o chefe da seita e da religião cristã”

(Meslier, 1970, p. 47). Em suma, não haveria nesses personagens nada de sobrenatural e divino, eles seriam apenas humanos com suas peculiaridades e talentos e em suas circunstâncias. Se eles existiram de fato, mentiram, iludiram e enganaram pessoas. Se foram fanáticos ensandecidos, ou seja, se acreditavam piamente no que pregavam e na imagem que tinham de si mesmos, eles engambelaram não só os seus seguidores, mas também a si mesmos, uma engambelação dupla portanto, só de vítimas. Por outro lado, se foram embusteiros, ou seja, se não acreditavam no que pregavam e ainda se divertiam e tiravam proveito da imagem que faziam de si mesmos, enganando e iludindo de má-fé terceiros, teríamos um só lado de vítimas, os seus fiéis. De todo modo, loucura ou embuste, doença ou canalhice, as religiões seriam falsas, todas elas, pois suas explicações carecem de realidade, verdade e razão. Por isso seus pregadores sempre apelaram e abusaram da fé, um tipo de crença, aliás, que deveria ser desvalorizado e combatido com mais empenho como critério e princípio metodológico de explicação da realidade por quem pensa de modo crítico e cientificamente, sobretudo no nosso mundo contemporâneo.

Nesse sentido, na prática, não faria a mínima diferença para Meslier Cristo ter sido um fanático insano ou um embusteiro inescrupuloso, um caso de psiquiatria ou um caso de caráter, já que a religião seria falsa e vã em ambas e em quaisquer situações, fantasiosa, mítica e mentirosa por natureza. Portanto, aos olhos da mais crítica, rigorosa e científica razão contemporânea, da razão mais anti-fé dos nossos dias, o que haveria de refutável e superado na definição e descrição da pessoa de Cristo feitas por Meslier, essencialmente como um fanático religioso megalomaniaco, um inventor de religião que apelou e abusou da fé dos miseráveis, e que viveu o seu fanatismo até as últimas consequências, isto é, até ser torturado e pendurado numa cruz? Assim sendo, como levar esse personagem a sério, e mais ainda o conteúdo das suas pregações, em pleno século XXI, num Ocidente em que o pensamento crítico, a ciência e a tecnologia estão por todos os lados?

Fazer de Cristo e de similares como Moisés e Maomé personagens de caráter e função terapêuticas, de expedientes imaginários para tentar amenizar o sofrimento psíquico das pessoas diante das hostilidades da realidade e para organizar suas vidas, como ocorre na prática religiosa, isso é um direito de qualquer um numa sociedade democrática. O preceito democrático da tolerância permite aos indivíduos optarem pela ilusão e pela mentira para si mesmos caso estas lhes sejam úteis para poderem encarar o cotidiano quando este se fizer insuportável. Contudo, quando o assunto é a explicação do funcionamento da realidade, o pensamento crítico e científico precisa se impor pelos seus melhores argumentos e, sobretudo, pelas suas melhores evidências, para lembrar as religiões de que o campo de atuação destas, definitivamente, não deve ser o do conhecimento e sim o do consolo e da terapia, ou melhor, o da ilusão e do encantamento.

Ao pensar como um cientista, na medida em que priorizou o uso crítico da razão, mesmo que dentro dos limites do seu contexto, Meslier colocou Cristo no seu devido lugar como questão e objeto investigativo. O pensamento crítico e científico de hoje deveria valorizar essa postura intelectual do padre ateu e assim fazer avançar o projeto ocidental por trás dela, muitas vezes esquecido e acovardado: o de promover o triunfo da razão e da verdade na sua velha luta contra o mito e a mentira, e desse modo fazer a consciência humana sair da sua infância e tornar-se definitivamente adulta.

Bibliografia

MESLIER, Jean. *Oeuvres complètes*. Paris: Éditions Anthropos, Tome I, 1970.

----- *Oeuvres complètes*. Paris: Éditions Anthropos, Tome II, 1971.

----- *Oeuvres complètes*. Paris: Éditions Anthropos, Tome III, 1972.

PIVA, Paulo Jonas de Lima. *Ateísmo e revolta: os manuscritos do padre Jean Meslier*. São Paulo: Alameda Editorial, 2006.